

Semana Europeia das Regiões e Cidades - OPEN DAYS 2012

Seminário

“A União da Inovação para as Regiões Ultraperiféricas”

9 de Outubro de 2012 - Bruxelas, Centre Borchette

“Inovação nas RUP: Condicionismos e Oportunidades, o caso dos Açores”

Começo, naturalmente, por saudar a organização deste seminário, muito em especial, na pessoa da Chefe de Unidade RUP da Comissão Europeia, Paula Laissy.

Terminada, há menos de um mês, a presidência dos Açores da Conferência de Presidentes das RUP, gostaria igualmente, nestas palavras iniciais, de expressar o nosso reconhecimento à Comissão Europeia – em especial à Direção-Geral de Política Regional e ao Instituto de Prospeção Tecnológica -, pela proximidade e entusiasmo com que desenvolvemos, desde finais de 2011, o trabalho conjunto sobre o tema da inovação, muito em particular, no âmbito da integração das RUP na Plataforma S3 e da organização do Seminário dos Açores, em Junho, sobre as estratégias de especialização inteligente.

À nova Presidência da Conferência das RUP, aqui representada pelo Vice-Presidente do Conselho Regional da Reunião, Frédéric Cadet, deixo também uma saudação especial, bem como aos colegas de mesa e a todos os participantes.

Tivemos já, aqui, a oportunidade de ouvir intervenções, de natureza mais geral, sobre a União da Inovação, a Especialização Inteligente e a relação de ambas com as Regiões Ultraperiféricas, os seus condicionismos e oportunidades.

Dito isto, integrando-se a minha intervenção numa parte do *workshop* destinada à apresentação de casos concretos, de soluções inovadores que estão a ser

desenvolvidos nas RUP, permitam-me que a centre na perspetiva da territorialidade e da coesão interna.

Por outras palavras, pretendo falar-vos das características do território dos Açores - ou melhor, dos nove territórios que compõem o nosso arquipélago – relacionando-as com a inovação, a especialização inteligente, e, ainda, fundamentalmente, com as políticas de coesão dos órgãos de governo próprio desta Região Autónoma.

Trago-vos esta perspetiva porque entendo que, no atual contexto - em que, como bem sabemos e infelizmente, alguns Estados-Membros encaram a política de coesão como uma dimensão, diria, prescindível do futuro da União Europeia (ou seja, mais suscetível de sofrer cortes substanciais no âmbito das perspetivas 2014-2020), devemos marcar o nosso discurso pela defesa da coesão social, económica e territorial da União.

Isto porque nas Regiões Ultraperiféricas – e em particular na minha Região, nos Açores -, encaramos a coesão não como uma mera palavra de circunstância, mas antes como um princípio fundamental da ação política, incluindo a área da inovação.

Proponho, pois, focar-me essencialmente em setores inovadores em duas das mais pequenas ilhas dos Açores, setores que, não consistindo hoje, ainda, um fator determinante da respetiva atividade económica, certamente que serão progressivamente mais relevantes num futuro próximo.

Assim e numa lógica de coesão interna, a verdade é que nas ilhas mais pequenas (em dimensão e população) dos Açores, temos feito num percurso de qualificação crescente em termos de inovação científica e tecnológica, que procura alcançar vantagens na economia e na sociedade do conhecimento, potenciando o futuro desses territórios.

Começamos com Santa Maria, a ilha açoriana mais a sul e uma das mais pequenas, com cerca de 5.500 habitantes e 97,4 km² de área. Temos de compreender, em primeira linha, que a história e vivência recente desta ilha está intimamente relacionada com o seu aeroporto.

Este foi, primeiro, uma base militar dos Aliados, construído em finais da II Grande Guerra, para depois, já como aeroporto civil e entre meados da década de 1940 e da década de 1970, ter desempenhado um papel central nas ligações aéreas através do Atlântico, servindo de destino (era a única porta de entrada e saída das ilhas dos Açores), mas essencialmente de escala técnica de trânsito para as principais companhias, nos voos intercontinentais entre a Europa e as Américas do Norte, Central e do Sul.

Isto para vos dizer que a economia desta ilha ficou fortemente ligada durante um longo período, às atividades relacionadas com o aeroporto e a aeronáutica, nomeadamente, à prestação de serviços de funcionamento, bem como ao centro de controlo do tráfego aéreo do Atlântico.

Com o fim da necessidade de escalas técnicas para os voos transatlânticos, em finais da década de 70, a economia ressentiu-se. Mas esta pequena ilha e a sua população manteve-se profundamente ligada ao seu aeroporto e havia que repensar, não apenas a potencialidade geoestratégica e as infraestruturas, mas também a vocação humana da população.

Santa Maria foi, assim, estrategicamente pensada para concretizar a uma aposta clara na importância das tecnologias espaciais, nela se instalando a estação de rastreio da Agência Espacial Europeia (ESA), no âmbito da qual, ainda recentemente, assistimos à decisão de instalação de uma nova Estação GSS (Grand Sensor Station) no âmbito do projeto Galileu.

Em Santa Maria está também o Centro Nacional de Vigilância Marítima do Atlântico Norte, que reporta dados fundamentais para a Agência Europeia de Segurança Marítima, e a Rede Atlântica de Estações Geodinâmicas e Espaciais, com uma estação VLBI (Very Long Baseline Interferometry).

Por outro lado ainda, entrou recentemente em funcionamento o Centro de Formação Aeronáutica dos Açores, uma estrutura detida pela companhia de avião regional – SATA – que é projetada internacionalmente para ações de formação e de treino para

companhias aéreas de todo o mundo e que permite, precisamente, retomar a vocação natural da ilha de Santa Maria para as atividades mais diretamente relacionadas com a aviação civil.

Assim se demonstra que, em Santa Maria, nesta pequena ilha do atlântico, está a ser criado um autêntico “cluster” na área aeronáutica e espacial, que segue um princípio de coesão interna, mas também de especialização (inteligente, claro está) nas competências e nas potencialidades diferenciadas de cada uma das nossas ilhas, investindo o Governo naquilo que, em cada uma delas, representa um potencial acrescido de competitividade, fundamental do ponto de vista da sustentabilidade do desenvolvimento e, por outro lado, da visibilidade global dos Açores.

É certo que alguns destes projetos - nomeadamente na área espacial - não representam um retorno imediato (ou, se quisermos, muito expressivo) em termos de criação de emprego, mas estamos a construir um caminho que, confiamos, levará a um forte incremento da vertente empresarial.

Veja-se, por exemplo, que, ao que sabemos, existe interesse e, mesmo, estudos em curso sobre as condições em Santa Maria para a criação de um futuro centro de amarração de capsulas espaciais.

Gostaria também de falar-vos de uma outra ilha: Graciosa de seu nome. É outra das ilhas mais pequenas dos Açores, com 62 km² de área e cerca de 4.400 habitantes. Esta ilha é, também, a ilha com menor altitude (é muito plana, não ultrapassando os 400 metros de altitude) e uma “reserva da biosfera”, classificação atribuída pela UNESCO, ao reconhecer o uso sustentável de ecossistemas terrestres, através da conciliação da atividade económica e humana, em geral, com a conservação da biodiversidade.

Ora, esta ilha dos Açores – que sofre, de um modo ainda mais estrutural, os condicionalismos da ultraperiféricidade - foi considerada pelas autoridades regionais como ideal para fomentar e trazer aos Açores projetos científicos internacionais relacionados com o estudo da atmosfera superior e do clima.

Assim, na Graciosa, estão em curso projetos de climatologia como o 'Super Dual Auroral Radar Network' - SuperDarn. A Rede Internacional de Radares para o Estudo da Atmosfera Superior da Terra (SuperDARN) destina-se à monitorização das regiões polares, medindo a posição e a velocidade das partículas existentes na ionosfera. Possui mais de duas dezenas de radares em várias partes do globo e envolve cientistas de países como EUA, Inglaterra, Japão, Nova Zelândia e Austrália, abrangendo a sua rede de radares localizações no Alasca, Canadá, EUA, Islândia, Japão, Austrália, Nova Zelândia e na Antártida. Esta cadeia de radares visa possibilitar um melhor conhecimento da alta atmosfera e das cargas eletromagnéticas que a envolvem, o que permitirá minimizar os efeitos de fenómenos que causam alterações climáticas, perturbações nas comunicações e avarias em satélites, entre outros problemas.

A Graciosa acolhe, também, em permanência, uma estação para medição da radiação atmosférica integrada no programa ARM (Atmospheric Measurement Radiation), do Departamento de Energia dos EUA e que visa a previsão do tempo e o estudo do clima e uma Estação de infra-sons e detecção de ensaios nucleares da Comissão Preparatória da Organização do Tratado sobre a Proibição Total de Ensaios Nucleares.

Por outro lado, temos também uma particularidade na Graciosa na área das energias renováveis, onde os Açores – como as ilhas, em geral, e as Regiões Ultraperiféricas muito em particular -, têm um grande potencial.

Ora, a empresa alemã *Yunicos* iniciou recentemente um investimento de 25 milhões de euros num projeto de produção e armazenamento de energia produzida com fontes renováveis, que deverá assegurar 70 % do consumo de eletricidade da ilha em 2014. Este projeto é muito interessante porque representa, precisamente, investimento, não por parte de uma instituição ou organismo ligada apenas à investigação, mas já um contexto empresarial. A empresa quer demonstrar que as renováveis podem competir atualmente com os combustíveis fósseis ao nível técnico e comercial e o projeto prevê a construção de um parque solar de 500 kW e de um parque eólico de 5,4 MW e envolve a utilização de uma nova tecnologia baseada na armazenagem de energia em baterias, com capacidade de 2,5 MW.

Caso esta experiência seja bem-sucedida na Graciosa, poderá ser replicada noutras ilhas dos Açores, nomeadamente em Santa Maria, sobre a qual já falamos, e no Corvo, a mais pequena, ilhas onde não existe disponibilidade para a utilização da energia hídrica.

Por outro lado, e finalmente, também na Graciosa, todos estes aspetos ligados à investigação e ao desenvolvimento sustentável, expressos na classificação “reserva da biosfera”, permitem a fixação das condições do uso da marca e logótipo “Biosfera Açores”, colocando esta “Marca” ao serviço do incremento da atratividade do produto “turismo da natureza” da ilha e das suas produções tradicionais.

Não posso alongar-me na minha intervenção. Outras ilhas e outros casos de “especialização territorial” e de promoção de um desenvolvimento equitativo na área da inovação poderiam ser exemplificados, em tantas outras áreas, como as Flores e o Corvo (também “reservas da biosfera”) e os seus projetos na área das energias renováveis.

Ou o caso da ilha do Faial, onde está situado o Departamento de Oceanografia e Pescas – umas das mais reputadas instituições europeias na área da investigação do oceano profundo – e na qual, uma vez mais nesta perspetiva de especialização territorial interna, foi criada recentemente a Escola de Formação de Marítimos dos Açores (EFMA), um centro de formação de excelência, relacionado com os transportes, pesca e turismo e que visa tornar os Açores uma “referência internacional” no domínio do mar, investindo na área do capital humano e na sua formação.

Aliás, o Mar Profundo e toda a sua imensa potencialidade, desde os recursos biológicos das fontes hidrotermais de grande profundidade, aos recursos energéticos, passando pela prospeção de minerais de grande valor, mereciam, por si só, um seminário. Como tivemos, recentemente, no Dia Europeu do Mar 2012, em Gotemburgo, um workshop das RUP precisamente sobre este tema, remetemos para a intervenção que aí tivemos a oportunidade de proferir.

Mas também poderíamos falar na biologia, na vulcanologia e sismologia, e em tantas outras áreas onde os Açores têm potencial e feito um trabalho muito importante para, primeiro, potenciar o conhecimento e a investigação científica, para que possamos cada vez mais caminhar para uma economia competitiva, empreendedora e inovadora.

Permitam-me apenas que referia, a terminar, um projeto que está em desenvolvimento e cujas infraestruturas estão já prontas na maior ilha do arquipélago, uma iniciativa vocacionada, também, para o setor empresarial : - o Parque de Ciência e Tecnologia de São Miguel, que, acreditamos, será fundamental para a renovação do pensamento de empresários, investigadores e cidadãos, em geral.

Neste parque tecnológico, confiamos que o sistema de conhecimentos estruturado em ciência e tecnologia e uma cultura apropriada para a inserção competitiva empresarial no mundo globalizado constituirão, também, um eixo importante do desenvolvimento dos Açores.

Em suma, nos Açores, temos uma estratégia clara num percurso de qualificação crescente em termos científicos e tecnológicos, que procura alcançar vantagens na economia e sociedade do conhecimento. Não podemos afastar, é certo, os nossos condicionalismos estruturais e permanentes, mas procuramos tirar o melhor partido do território.

Só assim podemos aproveitar as nossas características territoriais e continuar a promover a coesão e o desenvolvimento equilibrado de todas – reforço, de todas – as ilhas dos Açores.

Oxalá a União Europeia e os seus Estados-Membros, em particular, não se esqueçam da importância deste desenvolvimento harmonioso e equilibrado entre todas as Regiões.

Rodrigo Oliveira
Subsecretário Regional dos Assuntos Europeus e Cooperação Externa
Governo da Região Autónoma dos Açores